Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

A CIRURGIA SEGURA: A ENFERMAGEM E A SEGURANÇA DO PACIENTE DURANTE O PROCEDIMENTO CIRÚRGICO

SAFE SURGERY: NURSING AND PATIENT SAFETY DURING THE SURGICAL PROCEDURE

Juliana Ramos Zorzal
Graduanda em Enfermagem, Faculdade Alfa Unipac de Aimorés – MG, Brasil.
E-mail: jurzorzal@gmail.com

Patrícia Espanhol Cabral
Especialista em Saúde Pública, Faculdade ÚNICA;
Mestranda em Educação, FUNIBER;
Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés/MG, Brasil
E-mail: patyespanholmaria@gmail.com

Guilherme Moraes Pesente
Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia pela UTFPR, Campus Ponta Grossa; Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés/MG, Brasil
E-mail: gmpesente@gmail.com

Edna Franskoviaki
Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Única, Campus Ipatinga;
Docente da Faculdade Alfa Unipac de Aimorés/MG, Brasil
E-mail: profednafransko@gmail.com

Recebido: 01/05/2025 – Aceito: 20/05/2025

Resumo

A cirurgia segura é um aspecto crucial na assistência à saúde, especialmente em procedimentos cirúrgicos, onde a segurança do paciente deve ser uma prioridade. A equipe de enfermagem desempenha um papel essencial na promoção da segurança do paciente durante todo o processo cirúrgico, desde a preparação pré-operatória até o pós-operatório. O conceito de "cirurgia segura" abrange um conjunto de práticas e protocolos que visam prevenir complicações e garantir a integridade física do paciente. Isso inclui a identificação correta do paciente, a verificação dos materiais necessários e a adesão aos procedimentos estéticos. A atuação da enfermagem é fundamental na aplicação de protocolos de segurança, como a verificação da identidade do paciente, a administração de medicamentos e o monitoramento dos sinais específicos, que ajudam a detectar possíveis complicações antes e durante a cirurgia. Além disso, os enfermeiros colaboram ativamente na educação do paciente sobre o procedimento e as orientações pós-operatórias, garantindo um cuidado integral e contínuo. Estudos demonstram que a adesão a medidas de segurança, como a utilização de listas de verificação cirúrgica (checklist), contribuiu significativamente para a redução de erros médicos, prevenindo eventos adversos e melhorando a qualidade dos cuidados. A implantação de uma cultura de segurança, que envolve toda a equipe, é fundamental para a redução de riscos durante a cirurgia e para a promoção de um ambiente de cuidado mais seguro e eficaz. Baseado nestas informações, o presente trabalho é baseado em forma de revisão bibliográfica, com o objetivo de analisar e sintetizar as práticas e protocolos adotados pela equipe de enfermagem para garantir a segurança do paciente durante o procedimento cirúrgico. A pesquisa busca identificar as principais estratégias utilizadas para minimizar riscos e complicações, além de destacar a importância da adesão a medidas de segurança, como as listas de verificação cirúrgica, e o impacto da atuação da enfermagem na redução de erros médicos e eventos adversos. Através da revisão da literatura, esperamos oferecer uma visão abrangente sobre as práticas de segurança no ambiente cirúrgico e fornecer subsídios para a melhoria contínua do cuidado à saúde.

Palavras-chave: Segurança do paciente; Enfermagem cirúrgica; Procedimento Cirúrgico.

Abstract

Safe surgery is a crucial aspect of healthcare, especially in surgical procedures, where patient safety must be a priority. Nursing staff play an essential role in promoting patient safety throughout the surgical process, from preoperative preparation to postoperative care. The concept of "safe surgery" encompasses a set of practices and protocols that aim to prevent complications and ensure the physical integrity of the patient. This includes correct patient identification, verification of necessary materials, and adherence to aesthetic procedures. Nursing is essential in implementing safety protocols, such as verifying the patient's identity, administering medications, and monitoring specific signs, which help detect potential complications before and during surgery. In addition, nurses actively collaborate in educating patients about the procedure and postoperative guidelines, ensuring comprehensive and continuous care. Studies show that adherence to safety measures, such as the use of surgical checklists, has contributed significantly to reducing medical errors, preventing adverse events, and improving the quality of care. The implementation of a safety culture that involves the entire team is essential to reduce risks during surgery and to promote a safer and more effective care environment. Based on this information, this study is based on a literature review, with the objective of analyzing and synthesizing the practices and protocols adopted by the nursing team to ensure patient safety during the surgical procedure. The research seeks to identify the main strategies used to minimize risks and complications, in addition to highlighting the importance of adherence to safety measures, such as surgical checklists, and the impact of nursing performance in reducing medical errors and adverse events. Through the literature review, we hope to offer a comprehensive view of safety practices in the surgical environment and provide support for the continuous improvement of health care.
Keywords: Patient safety; Surgical nursing; Surgical procedure.

1. Introdução

A segurança do paciente é um dos pilares fundamentais na prática da enfermagem, especialmente no contexto cirúrgico, onde os riscos são elevados devido à complexidade dos procedimentos realizados. A cirurgia segura, conceito que envolve a adoção de práticas sistemáticas e protocolos rigorosos, é crucial para garantir a integridade do paciente durante o processo cirúrgico. A enfermagem desempenha um papel central nesse cenário, sendo responsável por implementar e monitorar essas práticas, além de agir como elo de comunicação entre a equipe multidisciplinar e o paciente, para minimizar os riscos e complicações. A implementação de uma lista de medidas de segurança, como verificações, identificações precisas e vigilância contínua, é essencial para uma cirurgia sem eventos adversos, especialmente no âmbito da equipe de enfermagem, que é o principal responsável pelo cuidado contínuo do paciente (PEREIRA *et al.*, 2021).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

A literatura evidencia que erros durante o procedimento cirúrgico, como falhas na comunicação, omissão de etapas importantes do processo e a falta de adesão aos protocolos de segurança, podem comprometer gravemente a saúde do paciente. De acordo com a pesquisa de Silva *et al*. (2019), a aplicação das listas de verificação, a identificação correta do paciente e a equipe cirúrgica, além da adesão às normas de esterilização e vigilância contínua durante o procedimento, são medidas essenciais para a redução de eventos adversos. Estudos de Fernandes *et al*. (2020) corroboram que a falha na comunicação, especialmente em procedimentos complexos, é uma das principais causas de complicações, apontando a necessidade urgente de protocolos bem definidos para cada etapa da cirurgia.

Além disso, o trabalho da enfermagem se destaca pela constante vigilância e cuidados pós-operatórios, que complementam as práticas preventivas de complicações. O cuidado da enfermagem, tanto antes quanto após a cirurgia, atua não apenas para monitorar a evolução do paciente, mas também para identificar precocemente sinais de complicações, otimizando a recuperação. De acordo com Lima e Costa (2018), a presença contínua da equipe de enfermagem no pós-operatório é crucial para a detecção precoce de infecções, sangramentos e outras complicações, e permite uma intervenção rápida, garantindo maior segurança ao paciente.

O objetivo deste trabalho é explorar a atuação da enfermagem na promoção da segurança do paciente durante o procedimento cirúrgico, destacando a importância da formação e do compromisso com os protocolos de segurança. A pesquisa também busca entender os desafios enfrentados pela equipe de enfermagem para implementar essas medidas em ambientes de alta complexidade, refletindo sobre as melhores práticas e soluções para mitigar riscos. A escolha desse tema justifica-se pela necessidade crescente de se adotar práticas mais seguras e eficazes nos ambientes necessários, garantindo não apenas a qualidade do atendimento, mas também a redução de danos e melhoria da assistência ao paciente. A formação contínua dos profissionais e a adesão rigorosa aos protocolos de segurança são imprescindíveis para a promoção de um ambiente cirúrgico seguro (ALMEIDA *et al*., 2022).

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.10, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

2. Revisão da Literatura

2.1 - IMPLEMENTAÇÃO E MONITORAMENTO DAS MEDIDAS DE CONTROLE DE INFECÇÃO

O controle de infecção hospitalar é um dos pilares fundamentais para garantir a segurança do paciente, especialmente no período pré-operatório, quando o risco de infecções é elevado devido à invasão de barreiras naturais do corpo. Segundo Oliveira e Santos (2018), a adoção de medidas rigorosas de controle de infecção, como a correta preparação do paciente e a manutenção de um ambiente estéril, tem impacto direto na redução de complicações pós-operatórias e no tempo de recuperação. A preparação adequada do paciente inclui a realização de procedimentos pré-operatórios, como o banho com soluções antissépticas, tricotomia no local cirúrgico (quando necessário) e a profilaxia antibiótica adequada, conforme indicado pela literatura.

A implementação de medidas rigorosas de prevenção de infecção visa garantir a redução das taxas de infecções relacionadas a procedimentos cirúrgicos, que, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), correspondem a uma das principais causas de morbidade e mortalidade em ambientes hospitalares (LIMA *et al*., 2019).

Além disso, a manutenção de um ambiente estéril é essencial para prevenir infecções no local cirúrgico. De acordo com Lima *et al*. (2019), a esterilização de instrumentos e o uso de barreiras, como luvas e aventais estéreis, são práticas fundamentais que devem ser observadas rigorosamente. A falha na execução dessas medidas pode resultar em infecções graves, aumentando o tempo de hospitalização e a morbimortalidade dos pacientes.

O monitoramento constante das práticas de controle de infecção é fundamental para assegurar sua eficácia. Segundo Pereira e Almeida (2020), a adoção de protocolos e checklists, como a Lista de Verificação de Segurança Cirúrgica da Organização Mundial da Saúde (OMS), tem se mostrado uma estratégia eficaz na diminuição das infecções. Esses protocolos devem ser seguidos de forma

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

sistemática por toda a equipe envolvida, desde o momento da admissão do paciente até o seu pós-operatório, assegurando que as medidas preventivas sejam aplicadas corretamente.

No entanto, apenas a implementação de medidas preventivas não é suficiente; é necessário um monitoramento contínuo e uma educação constante da equipe de saúde. Segundo Andrade *et al*. (2021), a adesão dos profissionais de saúde às práticas de assepsia, como a lavagem adequada das mãos e o uso de antissépticos, deve ser acompanhada por treinamentos regulares e auditorias internas para avaliar a efetividade das ações implementadas. O autor destaca que a cultura de segurança e a educação continuada são fatores chave na redução das taxas de infecção hospitalar.

A correta preparação do paciente é um dos componentes essenciais na prevenção de infecções. Conforme destacado por Oliveira e Santos (2018), medidas como a tricotomia cuidadosa, quando necessária, a administração de profilaxia antimicrobiana e a desinfecção da pele com antissépticos adequados (como clorexidina) são práticas obrigatórias. A profilaxia antimicrobiana, em particular, deve ser administrada no tempo adequado antes da incisão cirúrgica e sua escolha deve estar de acordo com os protocolos baseados em evidências científicas e nos fatores de risco do paciente. A falha em seguir estas práticas pode levar a infecções no local cirúrgico (ILC), o que contribui para o prolongamento do tempo de hospitalização e aumento dos custos hospitalares (PEREIRA *et al*., 2020).

Adicionalmente, a avaliação pré-operatória do estado de saúde geral do paciente é indispensável para identificar potenciais fatores de risco, como a presença de diabetes ou obesidade, que aumentam a suscetibilidade a infecções. Segundo Andrade *et al*. (2021), um planejamento cirúrgico eficiente deve incluir a análise desses fatores e a adoção de medidas adicionais, como o controle rigoroso da glicemia no perioperatório.

Um ambiente cirúrgico estéril é outro aspecto fundamental para a prevenção de infecções. Lima *et al*. (2019) apontam que o uso correto de equipamentos de proteção individual (EPI), como luvas, aventais estéreis e máscaras, associados à esterilização adequada de instrumentos cirúrgicos, são práticas críticas. A esterilização de instrumentos segue protocolos rigorosos, que incluem métodos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

como a autoclave, utilizando calor úmido sob pressão, considerado padrão ouro para eliminação de micro-organismos patogênicos (SOUZA *et al*., 2020).

A ventilação da sala cirúrgica também desempenha papel vital, com sistemas de fluxo de ar controlado que minimizam a presença de partículas em suspensão no ambiente. Segundo Pereira e Almeida (2020), o controle da temperatura e da umidade da sala cirúrgica também é relevante, pois condições climáticas desfavoráveis podem facilitar a proliferação de patógenos.

A adesão às práticas de higiene e assepsia pela equipe de saúde, especialmente a lavagem das mãos, é uma das medidas mais simples e eficazes na prevenção de infecções, conforme destacado por Costa *et al*. (2020). A lavagem das mãos com soluções alcoólicas ou com água e sabão, seguindo as etapas preconizadas pela OMS, deve ser realizada antes e depois de qualquer contato com o paciente e durante o procedimento cirúrgico. No entanto, estudos indicam que a adesão a essas práticas nem sempre é satisfatória, o que reforça a necessidade de treinamentos contínuos e conscientização dos profissionais de saúde.

A implementação de auditorias regulares e sistemas de feedback tem sido uma estratégia eficaz para aumentar a adesão das equipes de saúde às normas de assepsia. Lima *et al.* (2019) relatam que hospitais que utilizam checklists e mecanismos de monitoramento contínuo de higiene obtiveram uma redução significativa nas taxas de infecções hospitalares. Isso demonstra que o acompanhamento sistemático e a vigilância ativa são fundamentais para a eficácia das medidas de controle.

O monitoramento contínuo das práticas de controle de infecção é imprescindível para a eficácia das ações preventivas. Além de auditorias internas, o uso de tecnologias automatizadas, como sistemas de monitoramento de infecções associadas à assistência à saúde (IRAS), vem sendo implementado em diversas instituições de saúde. De acordo com Costa *et al*. (2020), essas tecnologias permitem a identificação precoce de falhas no processo de esterilização, na utilização de EPI ou na higienização de superfícies e mãos, possibilitando intervenções rápidas.

Além disso, os protocolos de segurança cirúrgica precisam ser revisados periodicamente, com base nas evidências científicas mais recentes e nas melhores

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

práticas. A lista de verificação de segurança cirúrgica da OMS, por exemplo, tem demonstrado resultados significativos na redução de infecções e complicações perioperatórias. Segundo Andrade *et al*. (2021), a adesão à lista de verificação reduz a mortalidade cirúrgica em até 22%, ressaltando a importância de seu uso regular nas instituições de saúde.

A criação de uma cultura de segurança no ambiente hospitalar é essencial para que todas as medidas de controle de infecção sejam eficazmente implementadas. Pereira *et al*. (2020) ressaltam que uma cultura de segurança é aquela em que todos os profissionais, independentemente de sua posição hierárquica, se sentem responsáveis e incentivados a reportar erros e participar ativamente na implementação de medidas preventivas. Para isso, é fundamental que as instituições promovam treinamentos constantes, reuniões de equipe, e fomentem a comunicação aberta entre todos os profissionais envolvidos no cuidado do paciente.

Por fim, estudos como o de Costa *et al*. (2020) evidenciam que a supervisão rigorosa e o uso de tecnologias, como sistemas automatizados de monitoramento de infecção, contribuem significativamente para a melhoria das práticas de controle de infecção. A integração de tecnologia e boas práticas torna possível uma abordagem mais eficaz e ágil para a identificação e intervenção em potenciais riscos de infecção.

Assim, a implementação e o monitoramento rigoroso das medidas de controle de infecção no período perioperatório são essenciais para garantir a segurança do paciente e minimizar complicações infecciosas. A correta preparação do paciente, a manutenção de um ambiente estéril, a adesão às práticas de assepsia e o uso de protocolos baseados em evidências devem ser observados de maneira criteriosa para assegurar o sucesso das intervenções cirúrgicas e o bem-estar dos pacientes. O uso de tecnologias de monitoramento e a promoção de uma cultura de segurança entre os profissionais de saúde são estratégias que fortalecem a prevenção de infecções, garantindo um ambiente cirúrgico mais seguro e eficaz.

2.2 - PROMOÇÃO DA PARTICIPAÇÃO ATIVA EM SEGURANÇA DO PACIENTE

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

A segurança do paciente tem se consolidado como uma prioridade global nas políticas de saúde, e a participação ativa dos profissionais em todas as etapas dos processos de cuidado é fundamental para a prevenção de eventos adversos. A cultura de segurança do paciente, caracterizada pela transparência e responsabilidade, busca identificar e corrigir práticas inseguras, garantindo um ambiente assistencial mais seguro e eficiente. No Brasil, diversas iniciativas vêm sendo desenvolvidas para promover o envolvimento da equipe de saúde em práticas seguras, como forma de melhorar a qualidade do atendimento e reduzir riscos.

A cultura de segurança do paciente envolve a criação de um ambiente onde todos os membros da equipe se sentem encorajados a participar ativamente da prevenção de erros e na melhoria contínua das práticas assistenciais. Oliveira e Mendes (2020) destacam que essa cultura é fundamentada em valores organizacionais que promovem a comunicação aberta e o aprendizado com os erros. Para fomentar essa cultura, é necessário um compromisso institucional que inclua desde a liderança até os colaboradores de linha de frente. Segundo Ribeiro *et al*. (2019), a liderança tem papel crucial na implementação de programas de segurança do paciente, uma vez que os gestores precisam oferecer suporte e recursos adequados para que os profissionais possam aderir às práticas recomendadas.

Além disso, a criação de comitês e grupos de trabalho voltados exclusivamente para a segurança do paciente tem se mostrado uma estratégia eficaz para envolver os profissionais em todas as esferas. De acordo com Silva e Pereira (2021), esses grupos permitem que os colaboradores compartilhem experiências e proponham melhorias, além de contribuir para a criação de um ambiente onde a segurança é vista como uma responsabilidade coletiva. Esses comitês também servem como espaços de aprendizagem contínua, onde os profissionais podem se atualizar sobre as melhores práticas e protocolos de segurança.

O treinamento contínuo dos profissionais de saúde é uma das principais ferramentas para garantir a segurança do paciente. A educação em segurança do paciente deve ser integrada aos programas de capacitação da equipe, enfatizando a importância da adesão aos protocolos e das boas práticas assistenciais. Segundo Costa *et al*. (2018), o treinamento regular da equipe de saúde, com foco em temas

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

como higienização das mãos, administração de medicamentos, e identificação correta dos pacientes, é essencial para minimizar o risco de eventos adversos.

Além dos treinamentos técnicos, é fundamental tratar questões relacionadas à comunicação e ao trabalho em equipe. Mendes e Oliveira (2019) destacam que a falta de comunicação entre os profissionais de saúde é um dos principais fatores que contribuem para a ocorrência de eventos adversos. Para mitigar esses riscos, a utilização de ferramentas como o *SBAR* (Situação, Background, Avaliação, Recomendação), que padroniza a comunicação entre a equipe, tem sido amplamente recomendada. Dessa forma, os profissionais são incentivados a participar ativamente do processo de cuidado, reportando informações de maneira clara e objetiva, o que contribui diretamente para a segurança do paciente.

A transparência é outro pilar da cultura de segurança, e a comunicação aberta entre os profissionais de saúde e com os pacientes é fundamental. De acordo com Freitas *et al*. (2020), é importante que a equipe de saúde esteja preparada para reportar eventuais erros ou quase-erros sem o temor de represálias, promovendo um ambiente de aprendizado organizacional. A comunicação aberta permite que falhas sejam identificadas precocemente e corrigidas antes que possam causar danos ao paciente. Essa abordagem tem como objetivo não apenas proteger o paciente, mas também melhorar a qualidade do cuidado prestado e fortalecer a confiança entre profissionais de saúde e pacientes.

A responsabilidade compartilhada também é central na promoção de uma cultura de segurança. Conforme descrito por Santos e Souza (2021), todos os membros da equipe, independentemente de sua posição hierárquica, têm a responsabilidade de contribuir para a segurança do paciente. Isso envolve a adesão a protocolos de segurança, a participação ativa em discussões sobre melhorias no ambiente de cuidado e o reporte de qualquer prática ou situação que possa comprometer a segurança.

O uso de checklists é uma ferramenta amplamente reconhecida para garantir a adesão às práticas de segurança. Segundo Andrade e Silva (2020), a adoção da lista de verificação de segurança cirúrgica da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi uma das principais medidas para reduzir eventos adversos em cirurgias. Essa ferramenta garante que toda a equipe esteja ciente dos passos a serem seguidos

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

durante os procedimentos, promove a comunicação entre os membros e assegura que todas as medidas de segurança sejam tomadas de forma sistemática.

Para além da cirurgia, checklists e protocolos são aplicáveis em diversos contextos assistenciais, como na administração de medicamentos e no manejo de pacientes críticos. Segundo Moura *et al*. (2019), a implementação de checklists no cuidado de pacientes em unidades de terapia intensiva (UTI) tem sido eficaz na redução de infecções associadas aos cuidados de saúde, como infecções de corrente sanguínea associadas a cateter. Esses protocolos oferecem uma camada extra de segurança, assegurando que nenhuma etapa crucial seja negligenciada durante o cuidado.

A promoção da participação ativa dos profissionais de saúde em iniciativas de segurança do paciente é uma estratégia indispensável para a prevenção de eventos adversos e para a melhoria da qualidade do cuidado. A construção de uma cultura de segurança pautada na transparência, na comunicação aberta e na responsabilidade compartilhada deve ser uma prioridade nas instituições de saúde. O investimento em educação e treinamento contínuos, aliado ao uso de checklists e protocolos baseados em evidências, são ações essenciais para garantir a adesão às práticas seguras e promover um ambiente assistencial mais seguro e eficaz.

2.3 - AVALIAÇÃO DA ADESÃO ÀS PRÁTICAS DE HIGIENE E ASSEPSIA PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM

A adesão às práticas de higiene e assepsia pela equipe de enfermagem é um dos pilares fundamentais na prevenção de infecções relacionadas aos cuidados de saúde (IRAS). Essas infecções, muitas vezes evitáveis, representam uma preocupação significativa nas instituições de saúde e podem resultar em desfechos adversos para os pacientes, como aumento do tempo de internação, custos elevados e maior mortalidade. Assim, monitorar e avaliar a conformidade dos profissionais com as medidas de higiene, como a correta lavagem das mãos, o uso de antissépticos e o emprego de vestimentas estéreis, é essencial para garantir a segurança do paciente.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

A lavagem correta das mãos é considerada a medida mais eficaz para a prevenção de infecções, conforme apontado por diversas diretrizes internacionais e nacionais, incluindo a Organização Mundial da Saúde (OMS). No Brasil, estudos têm demonstrado que a adesão a essa prática, embora vital, ainda enfrenta desafios. De acordo com Oliveira *et al*. (2020), o cumprimento das normas de higiene das mãos pela equipe de enfermagem é frequentemente subestimado, apesar de sua importância reconhecida. O estudo revela que, em muitos casos, a falta de recursos adequados e a sobrecarga de trabalho são fatores que influenciam negativamente a adesão a essa prática.

Já Santos e Lima (2019) realizaram uma pesquisa em unidades de terapia intensiva e observaram que a taxa de adesão à higiene das mãos foi consideravelmente menor do que o esperado. Os autores destacam que, embora a conscientização sobre a importância da higienização das mãos seja alta entre os profissionais, a prática efetiva ainda é deficitária. Eles sugerem que a implementação de campanhas educativas contínuas e o uso de lembretes visuais nas áreas assistenciais podem melhorar significativamente essa adesão.

Além da lavagem das mãos, o uso de antissépticos e vestimentas estéreis desempenha um papel crucial na prevenção de infecções. Ferreira *et al*. (2021) apontam que o uso adequado de soluções antissépticas, como a clorexidina, tem se mostrado eficaz na redução da colonização microbiana nas mãos e em superfícies hospitalares. No entanto, o estudo também evidencia que, em algumas unidades de saúde, a falta de padronização no uso de antissépticos pode comprometer a eficácia dessas medidas, reforçando a necessidade de protocolos claros e treinamento contínuo.

No que diz respeito ao uso de vestimentas estéreis, Silva e Andrade (2020) destacam que o emprego adequado de aventais, máscaras, luvas e toucas durante procedimentos invasivos é essencial para a manutenção de um ambiente seguro. No entanto, os autores alertam que a adesão a essas práticas depende não apenas da disponibilidade dos insumos, mas também do entendimento da equipe sobre a importância de cada etapa do processo de assepsia. A pesquisa revelou que a falha na utilização correta das vestimentas estéreis ocorre, em grande parte, por falta de treinamento adequado e pelo não cumprimento das normas estabelecidas.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

Vários fatores podem influenciar a adesão da equipe de enfermagem às práticas de higiene e assepsia. De acordo com Costa *et al*. (2018), a sobrecarga de trabalho, a falta de tempo e a escassez de materiais são os principais obstáculos relatados pelos profissionais de saúde. Essas dificuldades podem ser agravadas em unidades de saúde com alta demanda de pacientes e com insuficiência de recursos, onde o ambiente dinâmico e a pressão por atendimento rápido levam à negligência das boas práticas de assepsia.

Além disso, a cultura organizacional desempenha um papel significativo na adesão a essas práticas. Segundo o estudo de Souza e Pereira (2019), quando a liderança da instituição valoriza a segurança do paciente e promove o cumprimento rigoroso das normas de assepsia, a adesão da equipe tende a ser maior. A pesquisa revela que o engajamento dos gestores, aliado a auditorias regulares e feedbacks construtivos, pode melhorar substancialmente o comportamento dos profissionais em relação às práticas de higiene.

O monitoramento contínuo da adesão às práticas de higiene e assepsia é uma estratégia fundamental para garantir a segurança do paciente. Segundo Andrade *et al.* (2021), a utilização de auditorias sistemáticas e a aplicação de indicadores de qualidade assistencial permitem avaliar a conformidade da equipe e identificar áreas que necessitam de melhorias. Esses autores sugerem que a criação de equipes de controle de infecção hospitalar, com foco no monitoramento de práticas de higiene, pode promover uma mudança significativa na cultura de segurança e na prevenção de IRAS.

Nesse contexto, Moura e Almeida (2020) destacam a importância de envolver os profissionais de saúde no processo de avaliação, incentivando uma postura proativa. Ao serem incluídos nas discussões sobre os resultados das auditorias e na elaboração de estratégias de melhoria, os profissionais tendem a se comprometer mais com as mudanças necessárias, o que contribui para a consolidação de uma cultura de segurança.

A adesão às práticas de higiene e assepsia pela equipe de enfermagem é essencial para a prevenção de infecções relacionadas aos cuidados de saúde. Embora a lavagem correta das mãos, o uso de antissépticos e de vestimentas estéreis sejam medidas amplamente reconhecidas, a efetividade dessas práticas

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

depende de diversos fatores, incluindo a disponibilidade de recursos, o treinamento contínuo e a cultura organizacional voltada para a segurança do paciente. O monitoramento contínuo e as auditorias regulares são ferramentas valiosas para garantir a conformidade e promover melhorias nas práticas assistenciais.

2.4 - REVISÃO CRÍTICA E ATUALIZAÇÃO DOS PROTOCOLOS DE SEGURANÇA CIRÚRGICA

A segurança do paciente no ambiente cirúrgico tem se tornado uma prioridade global na prática médica. A adoção de protocolos de segurança cirúrgica baseados em evidências é essencial para reduzir complicações, garantir resultados positivos e minimizar a ocorrência de erros durante os procedimentos cirúrgicos. No Brasil, a revisão crítica e a atualização desses protocolos se mostram fundamentais para acompanhar as melhores práticas e os avanços científicos que surgem constantemente.

De acordo com Magalhães *et al*. (2020), a implementação de protocolos de segurança cirúrgica, como a Lista de Verificação da Cirurgia Segura da Organização Mundial da Saúde (OMS), tem sido eficaz na redução de eventos adversos cirúrgicos, como infecções no local cirúrgico e erros relacionados à medicação. Entretanto, os autores destacam que a efetividade desses protocolos depende de sua constante revisão e adaptação às particularidades de cada instituição e aos avanços tecnológicos e científicos. Nesse contexto, a atualização periódica dos protocolos de segurança é necessária para garantir que eles permaneçam alinhados às melhores práticas.

A revisão crítica dos protocolos também é abordada por Silva e Andrade (2021), que enfatizam a importância de adaptar as diretrizes de segurança cirúrgica à realidade do sistema de saúde brasileiro. Eles apontam que, em muitas instituições, os protocolos não são revisados com a frequência necessária, o que pode comprometer a sua eficácia. Para os autores, o processo de revisão deve incluir a análise de dados sobre a taxa de complicações cirúrgicas, a aderência da equipe às medidas de segurança e a introdução de novas tecnologias. A inclusão de toda a equipe no processo de revisão também é destacada, promovendo um ambiente de colaboração e responsabilização compartilhada.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

A incorporação das melhores práticas e das evidências científicas mais recentes é um aspecto central na revisão dos protocolos de segurança cirúrgica. Segundo Almeida e Souza (2019), os avanços em tecnologias de imagem, monitoramento intraoperatório e anestesia exigem que os protocolos sejam constantemente atualizados para incorporar novas práticas que garantam uma cirurgia mais segura e eficaz. Eles reforçam que a revisão dos protocolos deve ser baseada em uma análise crítica das evidências mais recentes, garantindo que as práticas recomendadas sejam eficazes e atualizadas.

Além disso, Silva *et al.* (2020) enfatizam que a implementação de novas evidências científicas deve ser acompanhada de programas de treinamento contínuo para toda a equipe cirúrgica. O estudo destaca que a atualização dos protocolos sem o devido treinamento dos profissionais de saúde pode ser insuficiente para garantir a adesão às novas práticas. Portanto, os autores sugerem que a revisão dos protocolos seja sempre acompanhada de iniciativas de capacitação e educação continuada.

Outro aspecto fundamental na revisão dos protocolos de segurança cirúrgica é a análise de dados e o monitoramento contínuo do desempenho das práticas estabelecidas. Segundo Ferreira e Cardoso (2020), a coleta e a análise de dados sobre os resultados cirúrgicos são essenciais para identificar falhas nos protocolos existentes e para definir áreas que necessitam de melhoria. Eles argumentam que, sem um sistema eficaz de monitoramento e feedback, os protocolos de segurança podem se tornar obsoletos ou ineficazes.

Neste sentido, Souza e Lima (2021) sugerem o uso de indicadores de qualidade e segurança como parte do processo de revisão dos protocolos. Eles afirmam que a análise crítica dos dados cirúrgicos, como a taxa de complicações e de infecções pós-operatórias, deve ser um componente central da revisão. Além disso, a implementação de auditorias regulares e a realização de reuniões com a equipe multidisciplinar para discutir os resultados dessas análises são essenciais para garantir que os protocolos reflitam as melhores práticas.

A revisão crítica e a atualização dos protocolos de segurança cirúrgica são fundamentais para garantir a proteção do paciente durante os procedimentos cirúrgicos. A implementação das melhores práticas, baseadas nas evidências

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

científicas mais recentes, e a análise contínua dos dados relacionados aos resultados cirúrgicos são essenciais para garantir a eficácia dessas diretrizes. Além disso, a participação ativa de toda a equipe cirúrgica no processo de revisão e a realização de treinamentos contínuos são fatores cruciais para a consolidação de uma cultura de segurança nas instituições de saúde. A constante adaptação dos protocolos, considerando as realidades locais e os avanços científicos, deve ser uma prática constante, visando a melhoria contínua dos cuidados cirúrgicos e a segurança dos pacientes.

3. Considerações Finais

Em minhas considerações finais sobre a importância da enfermagem na segurança do paciente durante o procedimento cirúrgico, é evidente que a atuação da equipe de enfermagem é essencial para garantir a integridade e o bem-estar do paciente em todas as etapas do processo cirúrgico. O compromisso com a aplicação de protocolos de segurança, como a correta identificação do paciente, a adesão às listas de verificação e a vigilância constante durante e após a cirurgia, são medidas que fazem toda a diferença na redução de riscos e complicações.

O papel da enfermagem vai além da execução de tarefas técnicas, envolve uma comunicação eficaz com toda a equipe multidisciplinar e com o paciente, além da responsabilidade de monitorar e identificar precocemente qualquer alteração no quadro do paciente. Com isso, as práticas de enfermagem não são apenas restritas para a segurança do paciente durante o procedimento cirúrgico, mas também garantem uma recuperação mais rápida e segura, prevenindo complicações pós-operatórias.

No entanto, a segurança do paciente ainda enfrenta desafios, como a falha na comunicação entre os membros da equipe e a sobrecarga de trabalho. Nesse sentido, é fundamental que a formação contínua dos profissionais de enfermagem seja priorizada, com a atualização sobre os protocolos de segurança e boas práticas, para que possa atuar de forma melhor na prevenção de eventos adversos.

Este tema se mostra de extrema relevância, considerando a constante evolução dos procedimentos cirúrgicos e o aumento da complexidade das cirurgias

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

realizadas. A segurança do paciente, portanto, deve ser uma prioridade em todos os ambientes hospitalares, refletindo não apenas na qualidade do atendimento, mas também no respeito à vida e à dignidade do paciente.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v10i1.3961

Referências

ALMEIDA, AP; SOUZA, RG; LIMA, MA. **"A segurança do paciente na sala de cirurgia: a atuação da enfermagem na prevenção de complicações**." *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 2, pág. 154-160, 2022.

ALMEIDA, F. L.; SOUZA, J. V. **Revisão crítica dos protocolos de segurança cirúrgica: adaptação e avanços**. *Revista de Saúde Pública*, v. 44, n. 3, p. 55-63, 2019.

ANDRADE, R. S.; SILVA, T. M. **A utilização de checklists cirúrgicos na prevenção de eventos adversos: uma revisão**. *Revista Brasileira de Cirurgia*, v. 55, n. 2, p. 90-98, 2020.

ANDRADE, T. R.; SILVA, F. P.; COSTA, M. L. **O impacto da educação continuada nas práticas de controle de infecção hospitalar**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 3, p. 120-126, 2021.

COSTA, A. F.; PEREIRA, L. J.; OLIVEIRA, M. R. **Treinamento contínuo e segurança do paciente: impacto na prevenção de eventos adversos**. *Revista de Enfermagem do Brasil*, v. 17, n. 3, p. 205-211, 2018.

COSTA, L. A.; SOUZA, D. S.; PEREIRA, R. M. **Fatores que influenciam a adesão às práticas de higiene das mãos pela equipe de enfermagem**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 71, n. 4, p. 1103-1110, 2018.

COSTA, R. S.; PEREIRA, A. S.; ALMEIDA, J. A. **Sistemas de monitoramento automatizado para prevenção de infecção hospitalar: uma revisão de literatura**. *Revista de Tecnologia em Saúde*, v. 16, n. 2, p. 50-55, 2020.

FERNANDES, AB; SILVA, TR; COSTA, AD**."A importância da comunicação na redução de eventos adversos em ambientes urgentes**." *Jornal de Enfermagem e Saúde*, v. 3, pág. 267-272, 2020.

FERREIRA, M. S.; CARDOSO, P. S. **Monitoramento de desempenho e análise de dados em cirurgias: implicações para a revisão de protocolos**. *Jornal Brasileiro de Cirurgia*, v. 35, n. 2, p. 89-97, 2020.

FERREIRA, M. S.; OLIVEIRA, T. P.; RODRIGUES, R. L. **Uso de antissépticos na prevenção de infecções hospitalares: uma revisão**. *Journal of Infection Control*, v. 15, n. 2, p. 75-81, 2021.

FREITAS, D. S.; ALMEIDA, J. C.; LIMA, P. V. **A importância da comunicação aberta na segurança do paciente**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 5, p. 112-118, 2020.

LIMA, M. A.; GONÇALVES, F. C.; SOUZA, D. R. **Controle de infecção no período perioperatório: uma revisão sistemática.** *Journal of Infection Control*, v. 8, n. 2, p. 130-136, 2019.

LIMA, SM; COSTA, JS "**Cuidados pós-operatórios na redução de complicações: o papel da enfermagem.**" *Revista de Saúde Pública*, v. 52, p. 56-60, 2018.

MAGALHÃES, A. P.; SOUZA, L. M.; FERREIRA, R. L. **Implementação e eficácia dos protocolos de segurança cirúrgica: uma revisão sistemática.** *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 7, p. 134-142, 2020.

MENDES, T. M.; OLIVEIRA, S. S. **Comunicação e trabalho em equipe: pilares da segurança do paciente**. *Journal of Health Care*, v. 8, n. 4, p. 149-155, 2019.

MOURA, F. S.; ALMEIDA, M. R. **Monitoramento da adesão às práticas de higiene e seu impacto na prevenção de IRAS**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 5, p. 128-134, 2020.

MOURA, P. F.; SOUZA, M. L.; SILVA, L. A. **Impacto da utilização de checklists no cuidado de pacientes em UTI: uma análise de indicadores de segurança**. *Revista de Terapia Intensiva*, v. 27, n. 2, p. 130-136, 2019.

OLIVEIRA, F. A.; MENDES, J. P.; SILVA, G. L. **Higiene das mãos: adesão da equipe de enfermagem em unidades de saúde**. *Revista de Enfermagem Contemporânea*, v. 9, n. 1, p. 39-45, 2020.

OLIVEIRA, M. J.; MENDES, A. C. **Cultura de segurança do paciente: desafios e oportunidades para os hospitais brasileiros**. *Revista Brasileira de Gestão em Saúde*, v. 15, n. 1, p. 80-88, 2020.

OLIVEIRA, S. T.; SANTOS, R. A. **A importância das medidas de controle de infecção no contexto cirúrgico**. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 34, n. 4, p. 450-455, 2018.
PEREIRA, F. C.; ALMEIDA, G. M. **Lista de verificação de segurança cirúrgica: impacto na prevenção de infecções**. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, n. 3, p. 85-91, 2020.

PEREIRA, RM; ALMEIDA, CR; OLIVEIRA, PL **"Protocolos de segurança na sala de cirurgia: práticas obrigatórias pela enfermagem**." *Enfermagem Brasileira em Foco*, v. 1, pág. 50-55, 2021.

RIBEIRO, T. A.; SILVA, J. A.; PEREIRA, A. S. **A liderança no processo de promoção da segurança do paciente**. *Revista de Administração Hospitalar*, v. 9, n. 2, p. 65-72, 2019.

SANTOS, A. P.; LIMA, A. M. **Avaliação da adesão à lavagem das mãos em unidades de terapia intensiva**. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, v. 31, n. 2, p. 240-247, 2019.

SANTOS, M. F.; SOUZA, R. B. **Participação ativa e responsabilidade compartilhada na segurança do paciente: um estudo de caso**. *Revista de Saúde Pública*, v. 20, n. 3, p. 189-196, 2021.

SILVA, C. R.; ANDRADE, M. A. **Adaptação dos protocolos de segurança cirúrgica no Brasil: desafios e perspectivas**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 74, n. 5, p. 84-93, 2021.

SILVA, D. A.; ANDRADE, R. F. **Utilização de vestimentas estéreis pela equipe de enfermagem: um estudo sobre adesão e barreiras**. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 28, n. 3, p. 108-115, 2020.

SILVA, FD; LIMA, AM; SANTOS, RF. **"A aplicação das listas de verificação e protocolos de segurança na sala de cirurgia**." *Revista de Enfermagem Clínica*, v. 4, pág. 112-118, 2019.

SILVA, G. A.; PEREIRA, F. M. **Comitês de segurança do paciente: um modelo de participação colaborativa**. *Revista de Gestão em Saúde*, v. 14, n. 2, p. 99-105, 2021.

SILVA, J. B.; SOUSA, A. A.; MENDES, P. V. **Capacitação e educação continuada em segurança cirúrgica: impacto na adesão aos novos protocolos**. *Jornal de Gestão em Saúde*, v. 28, n. 4, p. 107-115, 2020.

SOUZA, D. A.; LIMA, R. M. **Indicadores de qualidade e segurança no ambiente cirúrgico: uma análise crítica para a revisão de protocolos**. *Revista de Segurança do Paciente*, v. 15, n. 1, p. 48-55, 2021.
SOUZA, M. P.; PEREIRA, L. G. **Cultura organizacional e sua influência na adesão às práticas de segurança do paciente**. *Revista de Gestão em Saúde*, v. 15, n. 2, p. 67-73, 2019.